

MERCADO DE CAMPO DE OURIQUE

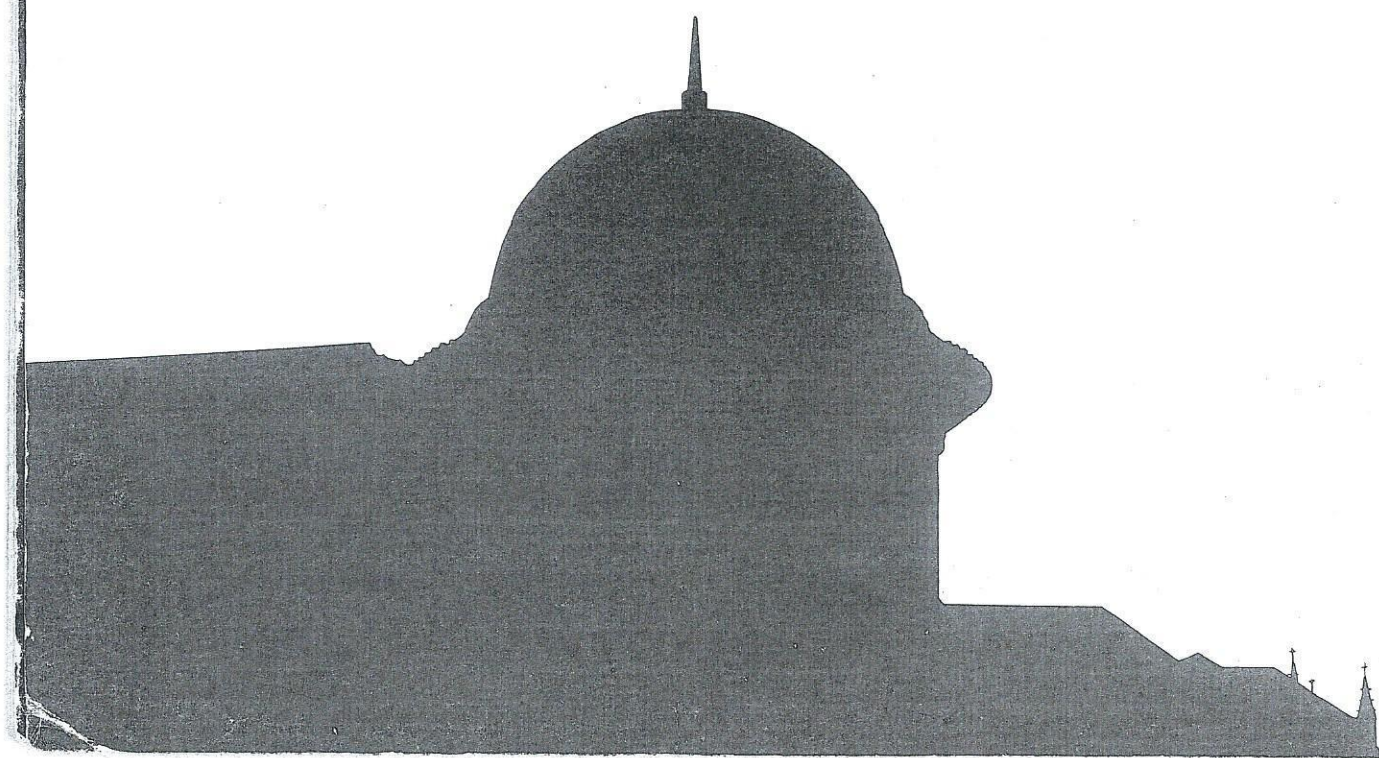


Câmara Municipal de Lisboa

Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo

ENTRO
DE
INVESTIGAÇÃO

IA
04.B



Os mercados de Lisboa dispendo em geral de localizações privilegiadas no tecido urbano, continuam a ocupar um lugar importante nas preferências dos consumidores e funcionam, ainda, como verdadeiros pólos em torno dos quais se organiza quer o comércio quer a própria vivência do quotidiano de muitos bairros.

Daí o interesse de que se reveste a pesquisa e divulgação da história dos Mercados que "marcam" a cidade.

O presente volume surge, assim, na sequência de publicações anteriores (dedicadas aos Mercados de St^a. Clara e 24 de Julho) e nele se dá a conhecer a génese e evolução do Mercado de Campo de Ourique, bem como do populoso e característico bairro em que se insere.

Paços do Concelho de Lisboa, Dezembro de 1994



Luís Simões
Vereador do Pelouro do Abastecimento



FICHA TÉCNICA

Texto

Emília Maria Velasco

Prefácio

Miguel Figueira de Faria

Capa

Serrão Faria

Fotografias

Luís Santos (Arq. Fot. DMAC)

Arquivo Fotográfico da CML

Design Gráfico

Margarida Fragoso

Fotolitos e Montagem

Selegrafe

Tiragem

3000 Exemplares

Ano

1995

Depósito Legal

N.º 86 626/95

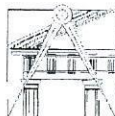
Execução gráfica



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
IMPRESA MUNICIPAL



CONDICIONADO



FACULDADE DE ARQUITECTURA

BIBLIOTECA

PREFÁCIO



0990007526

3634

14 10 99

As relações entre a história das cidades e as suas respectivas necessidades de abastecimento conduzem-nos a um conjunto de atitudes comerciais que ao longo dos séculos constituíram páginas importantes no desenvolvimento urbano e regional.

A história do comércio local, desde as formas itinerantes ao estabelecimento dos açougues, fangas, mercados e feiras, que no âmbito da nacionalidade remontam ao período medieval, foram objecto de diversos estudos, que procuram fixar a especificidade de cada uma daquelas soluções de abastecimento, desde a sua periodicidade à qualidade e quantidade dos produtos transaccionados até aos respectivos aspectos jurídicos e fiscais enquadramentos.

Dos trabalhos clássicos de Virginia Rau sobre as feiras às sínteses de Oliveira Marques e Baquero Moreno sobre os mercados, e ainda deste último autor o trabalho sobre a importância dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais em Portugal, reuniram-se elementos que permitem uma visão de conjunto sobre a questão relativamente ao período medieval, necessário ponto de partida para qualquer análise da temática.

Mais carente de estudos de referência se encontram os períodos posteriores nomeadamente no que se refere à evolução dos sistemas de abastecimento à Capital do País e à história dos seus mercados, pese embora a boa síntese proposta pela equipa dos Museus Municipais de Iria de Azoiteira Moita a propósito de uma exposição temática sobre o Povo de Lisboa realizada nos finais da década de Setenta.

No presente trabalho a Dr^a Emília Velasco oferece-nos agora a sua segunda investigação sobre o assunto, reincidência que permite augurar que a autora poderá, a prazo, apresentar a síntese que muito se justifica.

Depois de em boa hora ter dedicado a atenção ao Mercado de Santa Clara, belo exemplar da arquitectura do ferro de finais de Oitocentos, é a vez de nos apresentar um trabalho sobre o Mercado Municipal de Campo de Ourique, particularmente enriquecido com uma visão de conjunto sobre o passado de tão popular Bairro.

Desde as origens aos momentos históricos mais expressivos, até uma breve mas intencional leitura sobre a sua toponímia, tão esclarecedora da evolução das prioridades honoríficas do Município, onde sublinhamos esse aspecto tão significativo para a História Social da Arte e da Cidade de ter sido ali um dos primeiros núcleos urbanísticos onde os artistas (Tomás da Anunciação, Francisco Metrass...) tiveram direito a essa homenagem singela de verem os seus méritos reconhecidos no baptismo das novas artérias rasgadas, definidoras da característica malha reticular do Campo de Ourique Republicano.

Para além da componente económica dominante os mercados envolveram desde sempre outros aspectos importantes no relacionamento entre populações.

Ponto de encontro entre os que oferecem e os que procuram, local privilegiado de convívio, onde a expressão popular vive livremente nas suas mais genuínas formas de comunicação, é para ali que convergem os olhares dos políticos na mais verdadeira das sondagens às suas aspirações eleitorais. Passear incólume pelas peixarias da praça é teste de fogo para qualquer candidato e escala obrigatória nos percursos do poder democrático do pós 25 de Abril. A história ainda breve da Praça de Campo de Ourique está repleta desses sugestivos incidentes.

As suas origens remontam ao período do Estado Novo, sendo o novo mercado inaugurado oficialmente a 14 de Abril de 1934. Como a autora nos informa, foi um acontecimento festejado, coincidindo o primeiro dia de funcionamento com o sexto aniversário da tomada de posse do Presidente da República Óscar Carmona.

Estas Praças de Lisboa foram locais importantes da mitologia do sistema, onde o autoritarismo e o pitoresco popular constituem faces distintas da identificação de uma Era. Quem pode esquecer o papel da honrada e (cobiçada...) D. Rosa, proprietária de uma venda na Praça da Figueira, num dos mais famosos filmes da História do Cinema Português, o célebre "Pátio das Cantigas"...?

Um dos momentos capitais dessa produção cinematográfica converge precisamente para o mercado. É ao balcão da sua tenda que recebe em pleno labor, regateando os preços ou gritando os ainda hoje presentes "Oh freguesa!", a(s) notícia(s) da chegada da sua filha cantora do Brasil.

É na conjunção desta dupla vertente, histórica e sociológica, que é necessário surpreender a evolução destes estabelecimentos.

Cremos, depois deste segundo contributo, ter a Dra. Emília Velasco aberto o caminho para essa visão de conjunto sobre a história dos mercados lisboetas de que a bibliografia olisiponense tanto carece, e que ficaremos a aguardar com expectativa.

Lisboa, Dezembro de 1994

Miguel Figueira de Faria

O SÍTIO DE CAMPO DE OURIQUE

O bairro de Campo de Ourique está implantado num espaço limitado a oeste, pela margem esquerda do vale de Alcântara, a norte, por Campolide, a este, por Santa Isabel e a sul pela Lapa e pela Estrela.

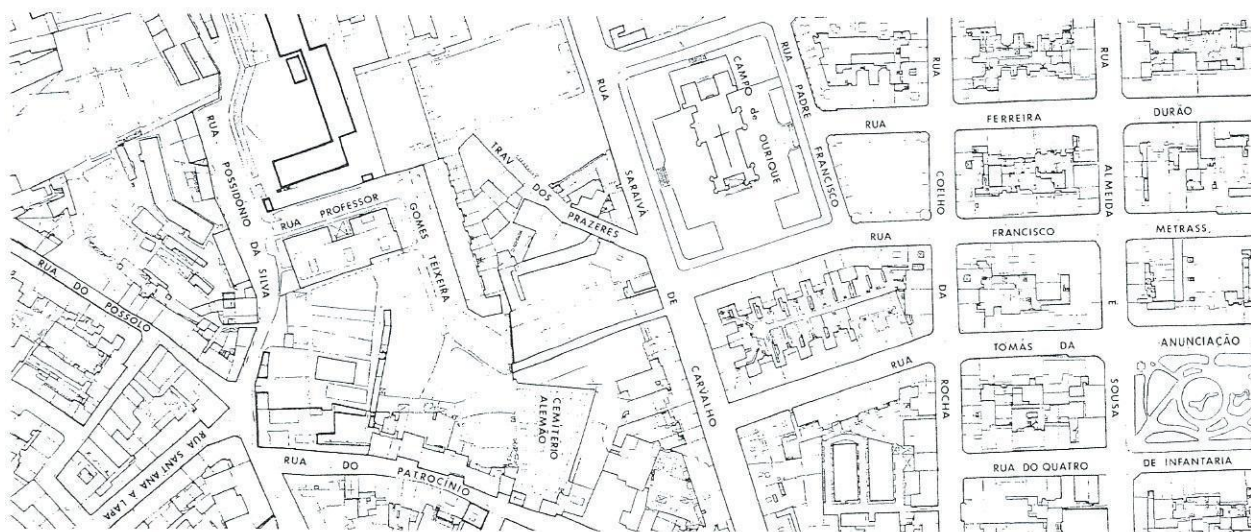
Próxima fica a chamada serra de Monsanto. Sabemos, pelas numerosas estações arqueológicas nela existentes, que o homem habitou esta zona no período Neolítico. Nas áreas de Campolide, Sete Moinhos e Terramotos, concretamente, os objectos achados pertencentes à indústria do sílex - machados de pedra, pontas de seta e raspadores - permitem concluir que a presença humana na área remonta àquele período da Pré-História.

Até ao início do século XVIII, Campo de Ourique apresenta, no entanto, uma população dispersa e sem grande significado. Nesses tempos, falar de Campo de Ourique é falar de terras de pão e de oliveais, quintas e terrenos aprazíveis para passeios e merendas. É uma zona agrícola como as

demais ao redor de Lisboa. Situada em terreno elevado, permitia uma ampla panorâmica sobre a cidade e para a outra banda. Pela sua boa localização, chegou mesmo a pensar-se, depois do incêndio do Palácio Real, no tempo de D. José, em construir o novo edifício em Campo de Ourique, a S. João dos Bem Casados (1).

O povoamento organiza-se a seguir ao Terramoto de 1755, como acontece aliás, com quase todos os arredores de Lisboa (por Lisboa entendia-se a Baixa, Castelo e zona ribeirinha). Na verdade, é após esta catástrofe que Campo de Ourique cresce demograficamente. Pouco ou quase nada afectado pelo sismo (talvez daí a expressão rés-vés Campo de Ourique), aí correm a refugiar-se os desabrigados da zona baixa da cidade. São eles que constroem casas no planalto onde mais tarde se definirá o bairro.

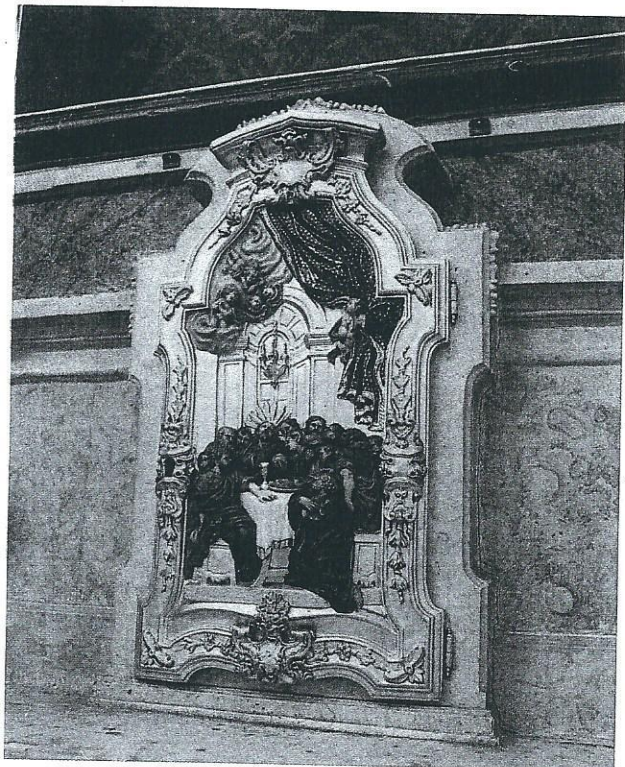
Antes de o visitarmos, tentaremos saber um pouco da história desta zona de Lisboa.



A FREGUESIA DE STO CONDESTÁVEL

O espaço de Campo de Ourique e a sua história encontram-se ligados a duas realidades distintas: numa primeira fase, à freguesia de Santa Isabel e sua igreja matriz, por um lado, e às empresas fabris de Alcântara e pedreiras da zona, por outro. Num segundo tempo, (o Campo de Ourique moderno) integra-se na freguesia de Santo Condestável e sua paróquia, pelo Decreto do Cardeal Cerejeira, de 21 de Maio de 1934 (2).

A assistência religiosa começa nesse ano, a 8 de Junho. Determinava o Decreto que, enquanto não se construísse a igreja matriz, a sede provisória da paróquia seria a capela de Nossa Senhora das Dores, edificada já depois do Terramoto, na Rua do Patrocínio e "eventualmente, a ermida do Senhor Jesus dos Terramotos, sita na Rua Arco



do Carvalhão, entre os N.ºs 116 e 118, mesmo em frente das escadinhas dos Terramotos" (3). Assim foi: funcionou na primeira, como paróquia, propriamente dita e, na segunda, como anexo paroquial (4).

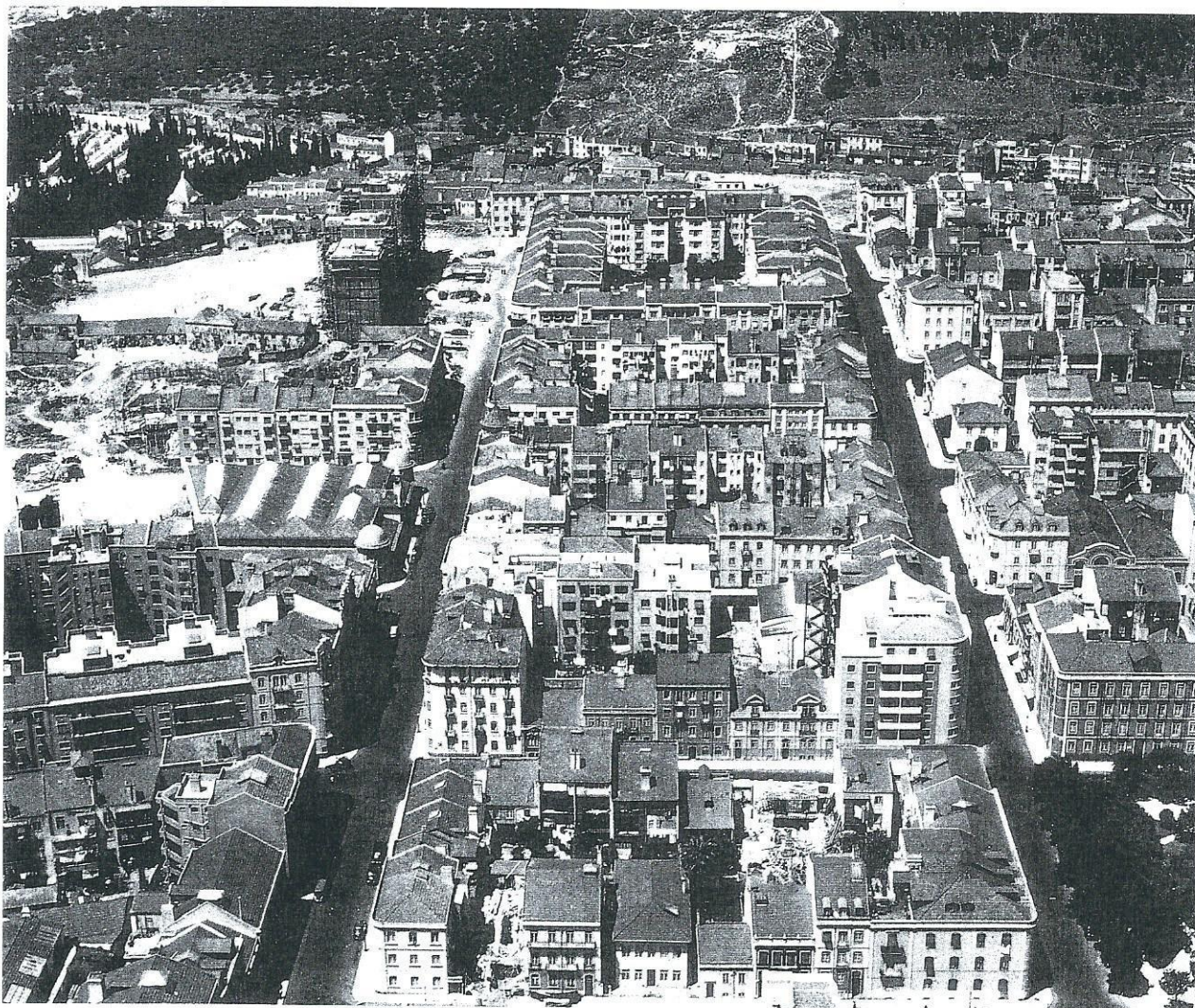
Falemos um pouco da igreja de Nossa Senhora das Dores (5).

Este templo foi construído com os materiais que sobram da construção da Basílica da Estrela, no último quartel do Século XVIII (1780). A fachada apresenta uma interessante combinação de linguagens que anuncia o período de transição que a cultura artística lisboeta vivia nessa época. Rematada por um frontão triangular inspirado no da Basílica da Estrela, apresenta no portal e respectivo janelão sobrepujante uma atmosfera plástica e arcaizante ligada às últimas construções do momento pombalino. Na porta, destaque para o baixo-relevo simbolizando o sofrimento de Nossa Senhora. A decoração interior combina a inspiração barroca presente no altar com a extrema leveza do tratamento dos elementos escultóricos do tecto. Importa referir também, o conjunto que adorna a porta do sacrário da autoria de Machado de Castro. A igreja foi reconstruída em 1960. Nela decorreu a vida paroquial de Santo Condestável, até à inauguração da matriz.

A separação administrativa faz-se em 1959, em consequência do Decreto-lei N.º 42 142, de 7 de Fevereiro desse ano (6). À nova freguesia cabem agora os destinos de Campo de Ourique.

Do ponto de vista geográfico, esta freguesia encontra-se limitada a norte, pela freguesia de Campolide; a sul, pelas freguesias dos Prazeres e da Lapa; a este, pela de Santa Isabel e a oeste, pela de Alcântara.

Actualmente (7) a freguesia de Santo Condestável tem uma área de 106 hectares e, em Maio de 1993, a sua densidade populacional, estimava-se em 30 a 35 mil habitantes. Nas últimas duas décadas, assistimos a um decréscimo do número de famílias e, consequentemente, a um envelhecimento da população. Por outro lado, a terciarização do bairro concorreu também para acentuar o envelhecimento da população e o bairro, até aí de características predominantemente residenciais, assiste a uma crescente instalação de casas comerciais.



Campo de Ourique, topónimo cuja antiguidade é difícil de precisar, foi o nome escolhido para baptismo deste bairro.

Nos finais do século XIX, Campo de Ourique apresenta-se como uma zona de terrenos agrícolas, agrupados em parcelas de média dimensão, cuja área principal é a Quinta do Dourado. É vizinha da Estrela, com sua Igreja e Convento e de Santa Isabel e sua matriz. Muito perto da antiga Estrada da Circunvalação e da Quinta do Dourado, Campo de Ourique tem barreira fiscal - a dos Prazeres. O cemitério ocidental, construído em 1835, na zona de Nossa Senhora dos Prazeres, encontra-se também muito próximo. Tem quartel famoso. A esta envolvente acrescentamos ainda a mudança da Empresa de Cerâmica de Alcântara, em 1883, para junto da Travessa dos Prazeres.

O planalto onde se desenha o bairro encontra-se



limitado por duas zonas de forte influência fabril e operária: Alcântara e Santa Isabel. A primeira com as suas fábricas e pedreiras, a segunda com tradições de produção artesanal que remontam ao século XVIII (8). Por outro lado, Campo de Ourique, como zona agrícola, tem nos seus terrenos campos de cultura e olivais (destaque para a Quinta do Dourado, que nesta altura acusa já um elevado índice populacional), que empregam também mão-de-obra local.

Temos assim, duas componentes sociais distintas: a operária e a rural. A primeira, distribui-se por pátios e vilas, ao longo da antiga Estrada da Circunvalação, Maria Pia e Arco do Carvalhão, e por outro lado, junto de Santa Isabel, nas ruas de Campo de Ourique, S. João dos Bem Casados, S. Luís e Beco da Piedade. Para além destas unidades de habitação, existe também um bairro operário (casas da firma Lopes, Esteves e C^a), cuja reminiscência existe ainda na Rua 4 de Infantaria.

Finalmente, Campo de Ourique tem nos seus domínios, uma ou outra casa senhorial (Palácios Anadia e Lourçal). Em Campo de Ourique ficava ainda a residência do núncio (9).

Nos finais do século XIX, os habitantes da zona apercebem-se de que alguma coisa vai mudar. Eles próprios querem e pedem a mudança em requerimentos enviados à Câmara. Esta acede e resolve incluí-la no Plano de Melhoramentos Urbanos do Município (15.5.1878, sessão CML). O Plano incidirá essencialmente na "coroa circular" dos limites da cidade de 1755 e de 1852, onde aparecem os novos bairros.

Entre a década de Oitenta e a de 1930, desenha-se o xadrez de Campo de Ourique, constituído por nove ruas alinhadas no sentido Poente-Nascente, cortadas transversalmente por outras cinco no sentido Norte-Sul. Todas elas se desenvolvem em torno duma principal - a Ferreira Borges.

O plano urbanizador de Campo de Ourique e a sua eficaz concretização devem-se a Frederico Ressano Garcia, Engenheiro da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa, a partir de 1874.

Na base de construção deste novo bairro, bem como dos melhoramentos anteriormente citados, temos a publicação da Carta de Lei de 9 de Agosto de 1888, impulsionada por Rosa Araújo e Fuschini.

Esta carta e um programa de acção bem definido, alteram no final do passado século, o panorama de actuação urbanística em Lisboa. Estamos na presença de um plano regulador, de harmonia com o status quo económico e social de então, que visa integrar o processo dinâmico da cidade, as suas áreas em formação, as características populacionais e, no caso concreto de Campo de Ourique, o operariado e a média burguesia.

É uma área de franco crescimento com terrenos passíveis de uma urbanização que será preenchida,

essencialmente por prédios de rendimento e moradias, por um lado, e pátios e vilas por outro.

O novo bairro é pensado segundo o pré-existente e será concretizado pela edilidade camarária e não por iniciativa privada, como sucederá em outros bairros periféricos.

De agora em diante, Campo de Ourique ganha contornos físicos, sociais e económicos que o definem, melhorados uns, agravados outros, da maneira como o conhecemos.



ARQUITECTURA RELIGIOSA

A Igreja Matriz do bairro é de inspiração neogótica e de construção recente. Situa-se na encruzilhada das Ruas Saraiva de Carvalho e Francisco Metrass e é orientada



sensivelmente a nascente. O projecto é da traça do Arquitecto Vasco Regaleira e tem como colaboradores na construção o engenheiro Santos Fernandes e Mestre Cipriano. Os trabalhos de serralharia cabem à Serralharia Artística do Corvo. Na escultura, obras Leopoldo de Almeida, Veloso da Costa e Soares Branco. Na pintura, Portela Júnior e Joaquim Rebocho. Os vitrais são da autoria de Almada Negreiros.

O Cardeal Cerejeira lança a primeira pedra, em cerimónia solene, a 28 de Maio de 1948. A igreja é inaugurada no dia 14 de Agosto de 1951, data do aniversário da Batalha de Aljubarrota, e recebe os restos mortais de Nuno Álvares Pereira, vindos do Convento do Carmo, (fundado pelo

Condestável): "A urna, com as relíquias de Nun' Álvares, foi então trazida num armão de artilharia, com escolta de honra, da Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo (onde se guardava desde 1834) para o novo templo, com aparatoso cortejo"(10).

As soluções arquitectónicas adoptadas na construção desta Igreja evocam a atmosfera final do gótico. Despojada dos rendilhados típicos das grandes igrejas daquela época celebra, no entanto, a espiritualidade desse período, numa solução diferente dos "pastiches" do final do século XIX, traduzindo uma austeridade modernizante ao conjunto edificado.

A igreja do Santo Condestável foi minuciosamente descrita(11) pelo grande olisipógrafo Norberto de Araújo, pelo que se aconselha a todos os interessados a sua leitura.

Neste capítulo destacamos os vitrais e a decoração do altar-mor.

No lado direito, separados pelo painel do grande janelão gótico, duplo vitral alusivo à Anunciação e ao Sagrado Coração de Maria. Ainda no transepto, temos no lado direito, a imagem de Nª Senhora do Rosário. No lado oposto, o altar do Coração de Jesus (escultura de Veloso da Costa) e duplo vitral que representa a invocação do "Bom Pastor". Os vitrais são da autoria do pintor Almada Negreiros.

Todo o fundo é ocupado por um fresco dos pintores Portela e Rebocho, representando a glorificação de Nun' Álvares. O altar é igualmente constituído por pedra assente em colunelos de mármore branco, ficando no frontal a urna de mármore negro com as relíquias do orago, da autoria do escultor Soares Branco. A banqueta e o sacrário são de mármore.

À entrada da capela-mor, do lado do Evangelho, púlpito de calcário com labores. À direita, imagem do "Conde Santo", em hábito de Carmelita, da autoria de Veloso da Costa.

Salvo a Senhora do Rosário, setecentista, provinda de S. Domingos, e o grande Crucifixo do coro, que pertenceu à igreja do Coleginho, as imagens da Igreja do Santo Condestável são modernas e representam quatro santos portugueses: Santo António, Santa Joana Princesa, São João de Brito e Santa Isabel.

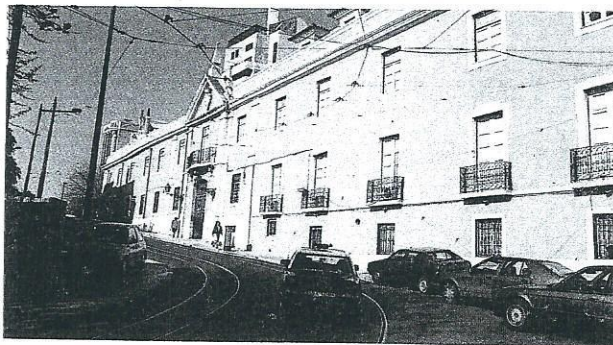
TOPONÍMIA DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

A toponímia deste bairro lembra várias figuras públicas nacionais. Nomes como Silva Carvalho, Saraiva de Carvalho, Ferreira Borges, Correia Teles, Pereira e Sousa, Coelho da Rocha e Azedo Gneco recordam os conturbados primeiros tempos do Liberalismo. Tomás da Anunciação e Francisco Metrass, pintores do Romantismo em Portugal, figuram também na toponímia do Bairro. Ligado às artes gráficas temos Luís Derouet e, nos campos da arquitectura e da arqueologia surge Possidónio da Silva. Sampaio Bruno representa a intelectualidade e, a história política do país invoca Carlos da Maia, a Rainha D. Maria Pia e o Marquês de Pombal, pela sua alcunha o "Carvalhão". A Avenida de Ceuta lembra 1415 e o início da expansão ultramarina portuguesa. 4 de Infantaria e Infantaria 16 dizem-nos que Campo de Ourique foi quartel de importantes regimentos. As ruas lá estão lembrando o seu papel interveniente na Revolução contra o Miguelismo e na implantação da República. Até o jardim do bairro, apesar do seu nome próprio - Teófilo Braga - é mais conhecido por Jardim da Parada. Era aí a parada do Regimento de Infantaria 16. Para além de recreio tradicional dos populares, foi também local de conspiração política. Nele existe uma estátua em honra de Maria da Fonte, escultura da autoria de Costa Mota, Tio, inaugurada em 15 de Setembro de 1920.

Vamos percorrer as ruas mais importantes e saber como se processou o seu baptismo (12).

Começamos pela mais tradicional, a Rua de **Campo de Ourique**. Sabemos que se chamava antigamente Rua Nova das Terras do Marquês do Lourical e, depois, Rua dos Pousos, pela proximidade da quinta com este nome. Nos princípios do Século XIX, no sítio onde actualmente se cruza com a Ferreira Borges, existia um posto de despacho. De um prédio situado nesta rua, com o nº 77 (13), saíram os revolucionários que contribuíram para a implantação em Portugal do regime republicano.

Por edital do Governo Civil de 1 de Setembro de 1859, a Rua dos Pousos foi incluída na Rua de Campo de Ourique.



Passamos à Rua de **Silva Carvalho**, linha divisória entre Santa Isabel e Santo Condestável. Nela existe ainda um edifício nobre que pertenceu aos Sás e Palhares. É o Palácio Anadia. Fica na confluência da Silva Carvalho (troço anteriormente denominado S. João dos Bem Casados) com a Rua das Amoreiras. Habitado por algumas famílias aristocratas, tinha este palácio uma ermida, edificada por D. Nuno, filho do conde do Cadaval, com os restos da antiga ermida de S. João dos Bem Casados. Esta fora construída em 1580, por um oficial de dourador, António Simões e derrubada por necessidade de urbanização do local. Fora esta capela que dera à rua o nome de S. João dos Bem Casados. No prolongamento desta rua, para poente, ficavam

o Largo da Páscoa e a Rua de S. Luís. Nesta, com urbanização característica de Campo de Ourique antigo, ficava o palacete onde vivia Guerra Junqueiro, quando vinha a Lisboa. Nele morreu o poeta, em 1923. Perto fica o local dos quartéis (Travessa de Cima e de Baixo), onde existiam ainda no princípio do século, construções pombalinas, do fim de setecentos.

Por deliberação camarária de 20 de Setembro de 1920 e edital de 16 de Outubro do mesmo ano, as Ruas de S. João dos Bem Casados, S. Luís e o Largo da Páscoa formaram uma única com o nome de Silva Carvalho, notável estadista que viveu entre 1782 e 1856.

A Rua **Saraiva de Carvalho** recebeu o nome deste



jurisconsulto, por deliberação camarária de 12 de Novembro e edital de 16 do mesmo mês, de 1885.

Em 1883, Carlos Bandeira de Melo, Ricardo Loureiro e Eduardo Lupi, fundaram nesta rua, a Empresa de Cerâmica de Lisboa. Nesta rua fica também a Escola Secundária Machado de Castro e o prédio de Korrodi, esquinado com a Rua do Patrocínio, onde ficou gravada a primeira granada do movimento revolucionário que derrubou a Monarquia. Aqui ficava também o Colégio Inglês e a sucursal do Jornal "O Século" (prédio de Korrodi já referido). Aí se encontrava também o Palácio dos marqueses do Louriçal, nº 117, construção do Século XIX. No nº 82 desta rua, faleceu Almeida Garrett.

A Rua **Ferreira Borges** era a Rua Nº 1 do Local da Antiga Parada de Campo de Ourique. Por deliberação camarária de 9 de Agosto de 1880 e edital de 30 do mesmo mês, recebe o nome do jurisconsulto e revolucionário liberal Ferreira Borges. Natural do Porto, onde nasce a 6 de Junho de 1786 é, juntamente com Fernandes Tomás, fundador e membro do Sinédrio. Participa activamente na Revolução de 24 de Agosto de 1820. A sua actividade política leva-o três vezes ao exílio. Especialista causídico em questões de direito comercial deixa-nos o primeiro Código Comercial Português, ainda hoje seguido e as Instituições do Direito Cambial Português. Morreu cego, no dia 14 de Novembro de 1838.

Na sua rua está instalado o quartel, datado do século XVIII e que hoje nada guarda da sua traça inicial, consequência das constantes remodelações. Mandado edificar no final de setecentos pelo conde de Lippe, aqui estiveram sucessivamente aquarteladas as seguintes unidades: 4 de Infantaria, Infantaria 16, 3ª Companhia de Saúde e Sapadores de Caminho de Ferro.

A Rua **Tomás da Anunciação** começa na Saraiva de Carvalho e finda na rua de Campo de Ourique. Tinha o nome de Rua Nº 3 dos Terrenos da Antiga Parada de Campo de Ourique. Por deliberação camarária de 23 de Agosto de 1880 e edital de 30 do mesmo mês, recebeu o nome de um dos mais consagrados pintores paisagistas. José Tomás da Anunciação, nasceu em Lisboa a 26 de Outubro de 1818 e morreu a 3 de Abril de 1879. Foi professor da academia de Belas-Artes. Destacou-se no universo da pintura como animalista e paisagista. Os seus quadros mais famosos são "O Vitelo" e "A Eira".

André Brun, humorista de ascendência francesa, nasceu em Lisboa a 9 de Maio de 1881 e morreu a 22 de Dezembro de 1926. Repartiu a sua obra literária entre o Teatro e a Crónica, salientando os aspectos comezinhos da pequena burguesia lisboeta, com destaque para as comédias "A Vizinha do lado" de 1913 e "A Maluquinha de Arroios" de 1916. A rua que recebeu o seu nome, por deliberação e decreto camarários de 25 de Fevereiro e de 12 de Março de 1932, respectivamente, chamava-se Rua Particular Nº 2 aos Prazeres.

Carlos da Maia, oficial da Armada e político. Natural de Olhão, nasceu em 16 de Março de 1878 e morreu em Lisboa a 19 de Outubro de 1921. Acérrimo militante contra o regime monárquico, recorde-se a sua participação no derrube da Monarquia e repressão do movimento monárquico de Monsanto, em 23 de Janeiro de 1919. Por deliberação camarária de 25 de Fevereiro de 1932 e edital de 12 de Março do mesmo ano, o seu nome foi dado à Rua Nº 4 do Bairro de Campo de Ourique.

A Rua **Correia Teles** era a Rua Nº 2 do Bairro de Campo de Ourique. Recebeu o nome do jurisconsulto, em 1882 por deliberação e edital de 17 e 23 de Maio, respectivamente.

A Rua **4 de Infantaria** era a Rua Nº 2 dos Terrenos da Antiga Parada de Campo de Ourique. O 4 de Infantaria foi um regimento que fez história no quartel deste bairro. Foi também conhecido como "Regimento de Gomes Freire". A 21 de Agosto de 1881, manifestou-se contra o absolutismo e proclamou a soberania de D. Pedro IV e D. Maria II. Houve tiroteio no qual morreram alguns oficiais fiéis ao governo. Saiu depois o regimento para a rua, em direcção ao Rossio, onde se bateu contra as forças de D. Miguel. Acabou vencido e foi posteriormente, dissolvido. A sua memória perdura numa rua de Campo de Ourique, desde 1880, por deliberação camarária de 23 de Agosto e edital de 30 do mesmo mês e ano.

Rua de **Infantaria 16**. Este Regimento esteve também instalado no quartel de Campo de Ourique. O nome Infantaria 16 foi dado à antiga Rua da Piedade, por deliberação de 3 de Agosto de 1911 e edital de 7 do mesmo mês e ano. Começa na Rua Silva Carvalho e finda na Sampaio Bruno.

A Rua **Coelho da Rocha** era a Rua Nº 5 do Bairro de Campo de Ourique. Por deliberação camarária de 17 de Maio de 1882 e edital de 23 do mesmo mês e ano, recebeu

o nome do jurisconsulto Coelho da Rocha. Nela viveram o poeta Fernando Pessoa e o matemático Bento de Jesus Caraça.

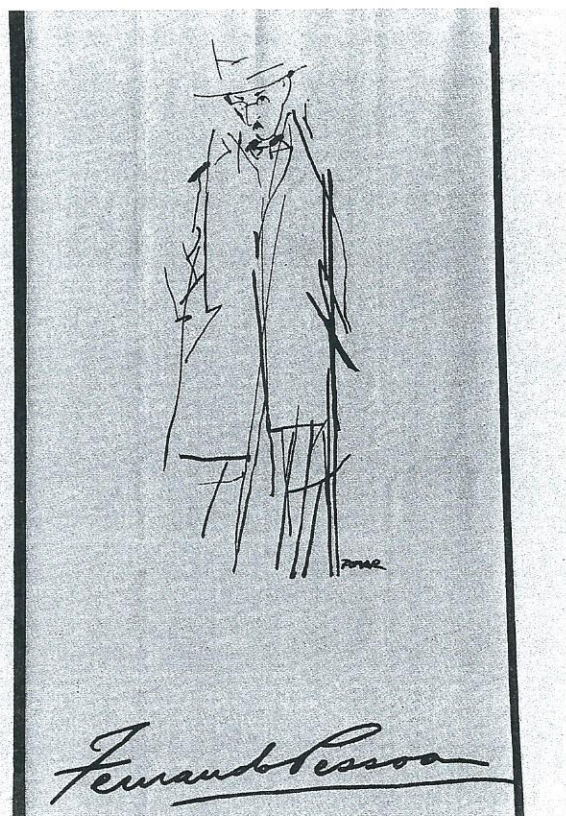
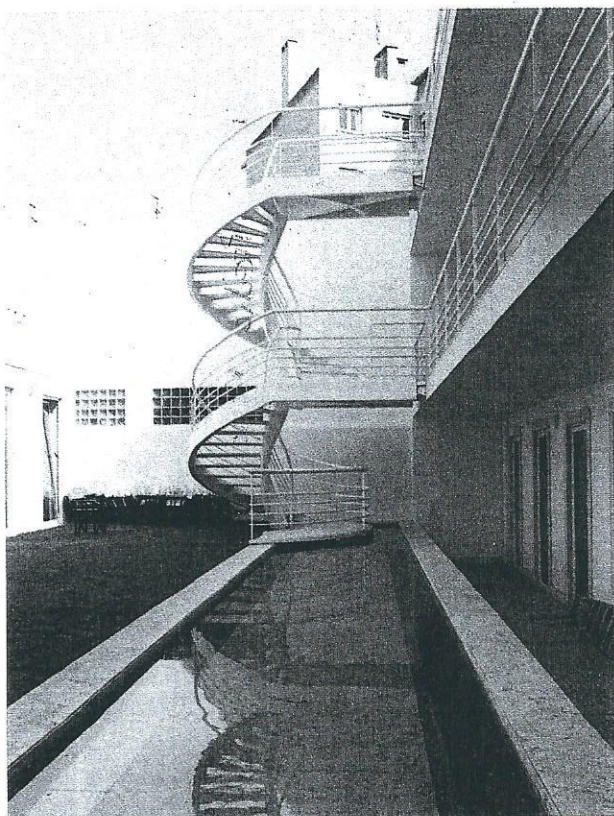
A Rua **Luís Derouet** recebeu o seu nome por deliberação camarária de 11 de Outubro de 1927 e editais da mesma entidade, de 15 de Novembro de 1927 e 19 de Abril de 1928. Luís Derouet foi jornalista e director da Imprensa Nacional. Nasceu em Lisboa em 1880 e morreu nesta cidade a 2 de Novembro de 1927. A rua que hoje tem o seu nome chamou-se primeiro, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa.

Rua **Francisco Metrass** - começa na Saraiva de Carvalho e finda na Pereira e Sousa. Recebeu este nome por deliberação camarária de 23 de Agosto de 1880 e edital de 30 do mesmo mês e ano. Era antigamente a Rua Nº 4 Aberta

nos Antigos Terrenos da Parada de Campo de Ourique.

Francisco Augusto Metrass nasceu a 7 de Fevereiro de 1825 e entrou em 1836 na Academia das Belas-Artes. Foi posteriormente para Roma onde conviveu com os grandes pintores alemães da escola mística de Overbeck e Cornelius.

A antiga Rua Nº 4 do Bairro de Campo de Ourique chama-se, por deliberação camarária de 17 de Maio de 1882 e edital de 23 do mesmo mês, Rua **Almeida e Sousa**. Recordo o nome do famoso jurisconsulto, nascido em Vouzela, a 19 de Março de 1745 e falecido a 31 de Dezembro de 1817. Desenvolveu toda a sua actividade jurídica no Lobão, Viseu, mas grangeou o reconhecimento de todo o país, pela sua edoneidade profissional e pelo vasto espólio documental de direito que nos legou.



SÉCULO XX: A ACTIVIDADE SOCIAL, POLÍTICA E ECONÓMICA DO BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE

O crescimento demográfico de Campo de Ourique a partir do segundo quartel do Século XX torna-se notável. O Bairro desenvolve-se em duas vertentes sociais: a operária, que habita os numerosos pátios, e a classe média que vive nos grandes prédios. Ambas participam activamente em determinados períodos menos bons da nossa História. Revoltam-se contra as condições de trabalho e salários vigentes nas fábricas; fazem greves e manifestações contra a participação portuguesa na Primeira Grande Guerra; protestam contra o aumento dos preços dos alimentos. A própria classe média é duramente atingida pela situação económica e não deixa de mostrar o seu descontentamento. Talvez pelas suas características de bairro pequeno em que todos se conhecem e se sentem vizinhos uns dos outros, os habitantes de Campo de Ourique revelaram-se sempre solidários na contestação e na defesa dos seus interesses.

Campo de Ourique é, de facto, um bairro muito activo, muito reivindicativo. Relembramos que daqui partiu a revolução que culminaria na proclamação da República. Mais tarde, durante o período do Estado Novo, também as conspirações e tentativas de derrube do regime passam por Campo de Ourique. Estabelecimentos como A Tentadora e o Café Latino (que deu origem ao Café Gigante hoje também desaparecido) são palcos preferenciais de discussão política nacional e estrangeira. Na cave do Café Ruacanã conspirava-se durante a campanha do General Humberto Delgado mesmo "debaixo do nariz" da Legião Portuguesa sediada ali, defronte, no Jardim da Parada. O aumento demográfico torna-se significativo e acelera o incremento do comércio. Novas construções se erguem agora para responder a toda esta dinâmica de crescimento. Estabelecimentos comerciais dos vários ramos: padarias, mercearias, pastelarias, charcutarias, cafés, leitarias, restaurantes, lojas de pronto-a-vestir, sapatarias, lojas de decoração, de móveis, de electrodomésticos, etc. abrem portas todos os dias.

É, aliás, num desses estabelecimentos comerciais, embora anterior a este período e que ainda hoje existe, que se nota um importante testemunho Arte Nova. Falamos dos azulejos de Rafael Bordalo Pinheiro que decoram o interior da Padaria Mecânica Panificação, cujas tonalidades castanha, mel e verde, lembram a influência islâmica na cerâmica portuguesa.





Também nos prédios fronteiros nas esquinas da Saraiva de Carvalho, um tornejando para a Rua do Patrocínio e o outro para a Ferreira Borges, ambos de traça de Korrodi, construídos no início do século, se registam alguns elementos Arte Nova. É o caso do painel exterior da pastelaria A Tentadora que representa uma dama bebendo chá e da decoração exterior do outro que apresenta flores entrelaçadas nos elementos arquitectónicos, solução

muito característica deste estilo. A existência de alguns pormenores artenovizantes nesta zona mostra a forte implantação do sector terciário. A Arte Nova do nosso país não teve grande aceitação por parte da nobreza ou mesmo da intelligentsia. Foi sobretudo, embora em pequena escala, adoptada pela pequena burguesia proprietária que queria decorar os seus estabelecimentos e prédios de rendimento ao estilo "moderno".

O MERCADO DE CAMPO DE OURIQUE

A forte densidade populacional da freguesia de Santa Isabel justifica e reivindica a criação de um mercado de produtos alimentares frescos. Faz parte do processo deste mercado, inclusivamente, uma lista de abaixo-assinados pedindo a sua construção. Nesta altura existia um pequeno mercado - o dos Prazeres, mas o seu estado de degradação não servia já as necessidades do numeroso agregado habitacional. É de um particular que surge a proposta de construção de um mercado agrícola definitivo e coberto. José Dionísio Nobre, industrial e morador no bairro, entrega à consideração da Câmara um anteprojecto (Procº 638, "Via Pública" deferido em sessão de 1 de Junho de 1926).

Depois de estudar o assunto e concluir que é de toda a importância assegurar o abastecimento daquele bairro, a Câmara em sessão de 23 de Setembro de 1926, aprova a proposta de Dionísio Nobre de construir no seu terreno um Mercado de Produtos Alimentares. A 6 de Janeiro do ano seguinte concede-se ao construtor do mercado a sua

exploração por um período de quarenta anos, a partir da data da conclusão da obra. O concessionário suportaria todos os custos inerentes ao arrojado empreendimento, tais como, fornecimento de luz, água e força motriz para os lugares de venda mediante pagamento estabelecido nos mercados municipais. A despesa de água e luz para iluminação dos arruamentos, terrados e lavagem do mercado, seria também da responsabilidade do construtor (condição quinta expressa na licença de construção).

O terreno permitia a edificação em quatro frentes:

- .a Norte---- Rua Francisco Metrass;
- .a Sul ----- Rua Padre Francisco;
- .a Nascente- Rua Coelho da Rocha (fachada principal);
- .a Poente---- Rua Tenente Durão.

A situação deste terreno, quase no centro do planalto de Campo de Ourique servia "às mil maravilhas".



O PROJECTO

O projecto é da autoria de A. Couto Martins (14) que o realiza em conformidade com as características do terreno, ou seja, atendendo à sua situação e forma. Assim, opta pelo desenho de um rectângulo e módulo de dois metros, unidade de medida para estabelecer ou regular proporções das diversas partes do edifício, de maneira adequada tanto na planta como nos alçados.

Todo o perímetro do recinto é preenchido por pequenos estabelecimentos como talhos, salsicharias, mercearias, padarias, leitarias, etc. Na parte interna, desenha "plateaux" cortados por ruas que marginam quase toda a superfície, destinando-os à venda de produtos hortícolas, frutas e legumes, e reserva uma área para bancadas de peixe. Ao fundo, concebe o local para venda de ovos, aves, flores e frutas tropicais.

Em termos de higiene e salubridade decide a colocação dos W.C. masculinos e femininos, num anexo existente no terreno do mercado, o que permite simultaneamente, um melhor aproveitamento do espaço interior. O projecto prevê também as fugas de ventilação e grandes janelões de modo que o contacto entre o recinto e a atmosfera seja constante. Para tornar eficaz o arejamento e a iluminação do recinto, os janelões guarnecidos de caixilhos basculantes permitem uma rápida tiragem de ar e a entrada de luz e, por outro lado, evitam

a entrada das águas pluviais em dias de temporal. É desta forma, salvaguardada a actividade rotineira do mercado e o conforto de comerciantes e consumidores. Para que a iluminação resulte melhor o telhado não é forrado e as telhas permanecem à vista.

O projecto não esquece um colector geral que recebe os detritos resultantes da actividade do mercado após a lavagem. Para tal, estuda a situação dos esgotos à superfície e em declive. Cada "plateau" é dotado de duas e três sargetas, num total de vinte, que facilitam o escoamento das águas e detritos aquando da lavagem do recinto. As canalizações possuem poços de limpeza acessíveis para desobstrução em caso de entupimento.

As paredes internas do edifício revestem-se de lambris de azulejo branco ou combinado com outras cores. Este lambril que sobremonta um soco de cantaria culmina na linha superior dos portões e resulta, dada a sua composição vítrea, no material mais recomendável para este tipo de edifício, pois é absolutamente lavável. Donde, o seu emprego beneficia o interior do mercado não só do ponto de vista higiénico mas também estético.

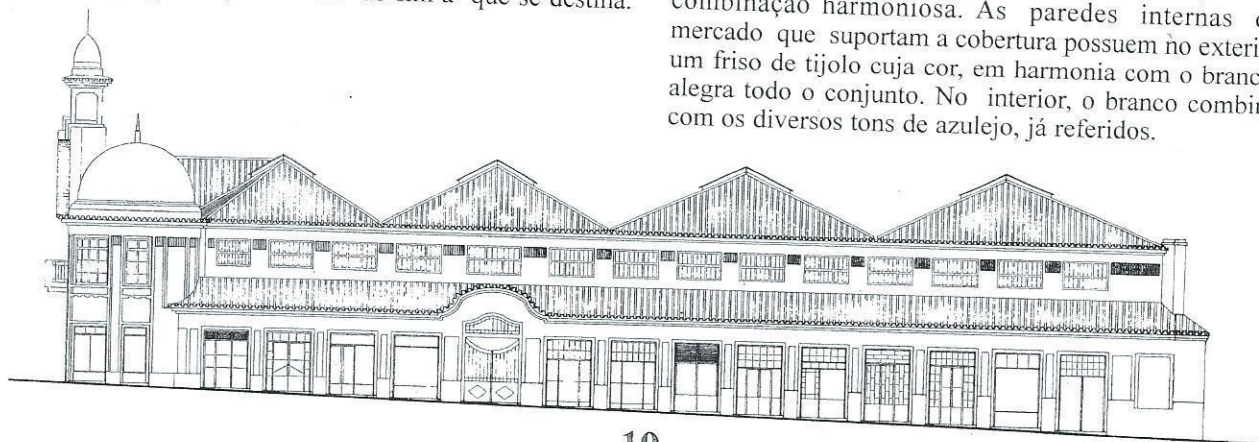
Para finalizar este ponto, o projecto prevê também a instalação de um poço que enche um grande depósito "para que nunca falte água nas lavagens". Assegura ainda a limpeza a agulheta.



A CONSTRUÇÃO

O terreno sobre o qual assenta o edifício, por ser de aterro e se encontrar pouco calcinado, leva a que se opte por fundações de pegões ao invés de caboucos corridos em todo o perímetro. Para o assentamento das soleiras batem-se entre os pegões arcos de tijolo, que para além de suportarem o peso das soleiras ligam entre si todos os pilares. À altura aproximada de 0,80m, tanto no exterior como no interior, um soco de pedra "lioz" envolverá todas as fachadas, sendo do mesmo material, as soleiras das portas. O autor projecta vergas de lintéis de vigas I revestidas de cimento ou cimento armado para os vãos. Para conseguir vencer o vão de toda a superfície a cobrir, opta por três telhados de duas águas cada um. Os algerozes das fachadas principais, localizados por detrás de uma "cortina" que suporta o beirado do telhado, são projectados em chapa de zinco. Os limpos destinados a portas, caixilhos e janelas são de madeira de casquinha, trabalhando as portas nas juntas (à inglesa) e os caixilhos com nó de banca. A espessura dos limpos é conforme ao fim a que estes se destinam e varia entre as máximas de madeira à banda e as mínimas de madeira ao meio. As cúpulas dos torreões de abóbadas de tijolo são suportadas por altos pilares, também de tijolo, revestidos de massa de areia e estucados. Do ponto de vista estético, o próprio autor do projecto reconhece tratar-se de uma obra interessada mais no aspecto funcional e prático, conforme ao fim a que se destina.

Não pretende uma obra monumental e grandiosa onde joguem grandes volumes e pormenores rendilhados. Não tem a pretensão de elaborar o edifício num estilo arquitectónico complexo. A mole revela uma grande simplicidade e leveza de linhas que se enquadra harmoniosamente no conjunto urbano do novo bairro de Campo de Ourique. A principal preocupação consiste na procura da cor e proporção que anima o edifício. Assim, evita as grandes massas e as fachadas apresentam extensos lisos cuja monotonia é cortada pelo balanço da cimalha e das pilastras. Estas elevam-se sobre uma base de cantaria e terminam em capitéis de duas fiadas de tijolos sobrepostos. Estes motivos obedecem preferencialmente à tentativa de criar um efeito colorido, ao invés de um efeito estético de volume. Os fundos das pilastras revestidos de azulejos de cor amarela palha contrastam com o verde dos caixilhos, o branco dos fustes e o vermelho dos capitéis. As cúpulas dos torreões, também forradas de azulejo de cor amarela ocre espelham vivamente quando incide a luz solar, produzindo então um efeito pleno de cor e brilho. Os beirais e sobre-beirais pintados de zarcão e os topos de branco, em contraste, provocam uma linha sinuosa de efeito decorativo bastante interessante. Utiliza apenas o jogo claro-escuro nos torreões que encimam as portas e montras e escolhe cores de tons garridos, numa combinação harmoniosa. As paredes internas do mercado que suportam a cobertura possuem no exterior um friso de tijolo cuja cor, em harmonia com o branco, alegra todo o conjunto. No interior, o branco combina com os diversos tons de azulejo, já referidos.







INAUGURAÇÃO

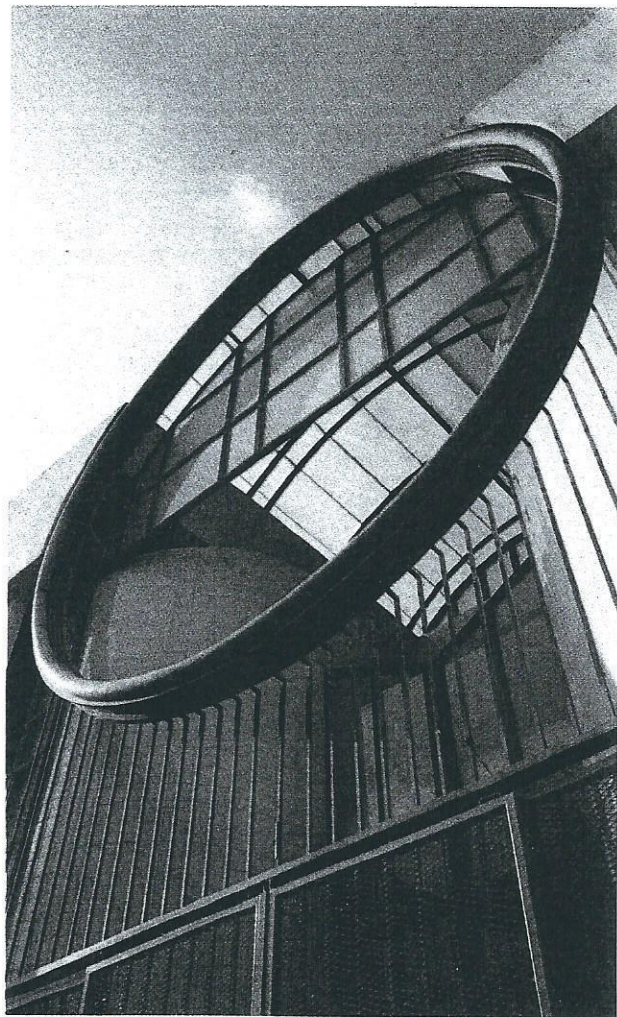
A inauguração oficial do novo Mercado de Campo de Ourique regista-se a 14 de Abril de 1934(15), na presença de algumas entidades oficiais e da imprensa. O acontecimento é saudado por todos como um importante melhoramento para a população do bairro e circunvizinhanças. No dia seguinte, a Câmara autoriza a ocupação e o mercado entra em funcionamento. Nesse Domingo, o País comemora o sexto aniversário da tomada de posse do Presidente da República General Carmona.

O mercado funciona em regime de concessão, nas mãos dos herdeiros do seu construtor, desde 1 de Julho de 1939 (Anais da C.M.L., 1940; pp.270). No ano de 1973, a 17 de Agosto, termina o prazo de concessão, nos termos da respectiva escritura e o mercado passa para a administração municipal. Entende esta que o edifício não se encontra nas condições exigidas de boa conservação. No Relatório da Gerência Municipal desse ano, a páginas noventa,

lê-se o seguinte trecho: "Este mercado situado num bairro com população constituída por todas as camadas sociais, é, sem dúvida, o fulcro da vida comercial de Campo de Ourique". Bem delineado e concebido precisará, apenas, de algumas beneficiações para o tornar digno da situação de que desfruta. Conta este Mercado com 28 lojas, 85 lugares de terrado para venda de produtos dos 1º e 2º grupos, 24 lugares para os do 3º grupo, 16 lugares para os do 4º grupo, 79 lugares para os do 5º grupo, 2 lugares para os do 15º grupo e 1 para a venda de gelo. Este Mercado necessita de ser ampliado, o que aliás é possível, não só para dar mais área ao sector de peixaria, mas também criar instalações destinadas a depósito de produtos, preparação de peixe (não foram feitas), preparação de criação (não se concretizou), vestiário para utilizantes e para o pessoal do Município, além de um refeitório (que também não se realizou), para estes últimos.



DESCRIÇÃO DO ACTUAL EDIFÍCIO DO MERCADO DE CAMPO DE OURIQUE

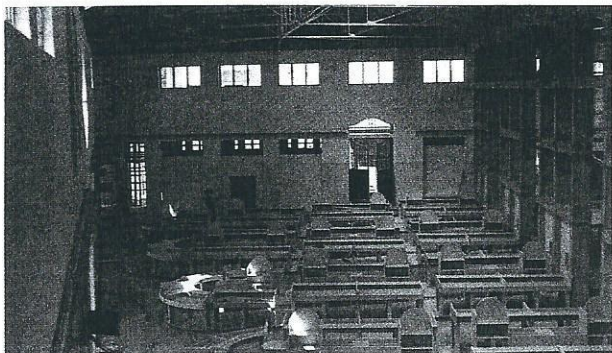


O Projecto de Remodelação, Demolição e Ampliação do mercado é entregue aos arquitectos Daniel Santa Rita, Alberto Oliveira e Rosário Vernade (16). O projecto obedece a um propósito de manutenção da traça original, feita através de retoques e acrescentamentos que, duma maneira geral, pouco afectam o primitivo desenho. Vamos aos factos: estamos em finais da década de 1970 "a braços" com um mercado de elevado potencial de comércio, instalado numa zona de considerável densidade populacional doméstica (público favorito dos mercados), bem fornecida de transportes públicos, mas... o mercado já não tem capacidade de resposta e apresenta um decréscimo nos seus rendimentos comerciais. E isto, porquê? As infraestruturas do edifício estão caducas, existem problemas de infiltrações de água, chove no recinto, as condições de habitabilidade e venda não são as desejáveis, os serviços de apoio não funcionam da melhor maneira, etc., etc. Há que reabilitar o mercado para bem dos interessados.

Segundo a memória descritiva, os objectivos deste projecto são três: ampliação, remodelação e reparação. A ampliação verifica-se na ala sul, de modo a ocupar todo o terreno onde o mercado se encontra instalado, respeitando as "características tipológicas e espaciais" ou seja, a proposta da nave central rodeada de lojas e a marcação compositiva dos cantos e respectivas entradas no edifício.

Quanto à remodelação e reparação do edifício, procedeu-se à conjugação de duas linguagens estilísticas: a antiga e a nova, isto é, opta por "uma nova arquitectura... recuperando os valores-vocábulos da arquitectura do mercado antigo (...) através de uma "transição por sobreposição" ou por mudança dos elementos compositivos".

Em relação ao primeiro aspecto, importa dizer que a intenção do projecto é construir um novo alçado, na fachada sul, observando os antigos parâmetros no que respeita a volumes, paredes, proporcionamento de vãos,



caixilharias e cor. Esta filosofia conduz a um discurso de "colagem", de reajustamento entre a nova fachada e a existente. Não é a primeira vez que se toma esta atitude em arquitectura, mas convenhamos que neste caso de Campo de Ourique ela foi sabiamente conseguida.

No volume "Arquitectura Moderna" da História de Arte em Portugal, das Publicações Alfa, lemos a seguinte crítica a este projecto: "As temáticas ensaiadas na província regressam à capital. Uma atitude contextualista da parte dos arquitectos permitiu aqui a recuperação do edifício antigo existente e o seu alargamento, dentro de uma continuidade de linguagem que reequilibró o novo conjunto. A atenção ao preexistente como ponto de partida projectual foi um conceito que se soube substituir à anterior noção de intervir com modos ou métodos abstractos".

As três entradas primitivas acrescentam-se mais duas. Uma, na fachada sul, considerada entrada principal. Esta entrada possui em cada lado duas escadas em "caracol" de acesso à cave e ao andar cimeiro, do qual se pode observar a praça e o interior do mercado. A outra entrada localiza-se a poente e serve simultaneamente, como porta de abastecimento e porta para entrada de pessoas. Nesta ala poente situam-se os depósitos frigoríficos do mercado.

O mercado fica dividido em duas grandes naves: a principal e a do peixe. A primeira destaca-se da segunda por uma grande parede em quadricula (à semelhança da anterior) que separa as duas zonas principais de venda. Nela estão agrupadas lojas, serviços e depósitos.

A nave do peixe, inteiramente nova, é dotada de um sector com seis blocos com capacidade para 66 lugares de terrado, arrumados em quarteirões perpendiculares aos da nave principal, disposição que permite uma melhor circulação do público consumidor. Está equipada com bancas de 1,80m de comprimento com adaptação possível a balcões frigoríficos.

Os lugares destinados à criação, doze ao todo, agrupam-se nos gavetos dos quarteirões do peixe.

O tipo de iluminação concebido para as duas naves é o mesmo: zenital. Em redor da nova nave distribuem-se as lojas, os diversos serviços técnicos e os depósitos, à semelhança do esquema anterior.

Prevê este projecto a possibilidade de transferência de lojistas para os torreões em substituição dos talhos existentes. Em relação a este ponto fez-se o seguinte: nos dois torreões a sul, instalaram-se logistas e, nos torreões a norte, permanecem dois talhos.

O total de lojas existentes no mercado é de vinte e nove. Assim, temos:

- .20 talhos (incluindo salsicharia e miudezas)
- . 3 peixarias
- . 1 de ovos e criação
- . 1 charcutaria
- . 1 mercearia
- . 1 sapataria
- . 1 snack-bar
- . 1 loja de embalagem



O mercado apresenta inovações em termos de infraestruturas, que permitem melhores condições de venda, saindo beneficiada deste projecto a sua área comercial.

Os serviços de apoio, por seu lado, também não são esquecidos e o seu funcionamento corresponde na íntegra às reais exigências de conforto. Assim, o novo mercado conta com vestiários, masculino e feminino, instalações sanitárias e arrecadação. Todos estes serviços de apoio estão instalados na cave. No piso superior, a norte, situam-se os três gabinetes técnicos afectos à administração.

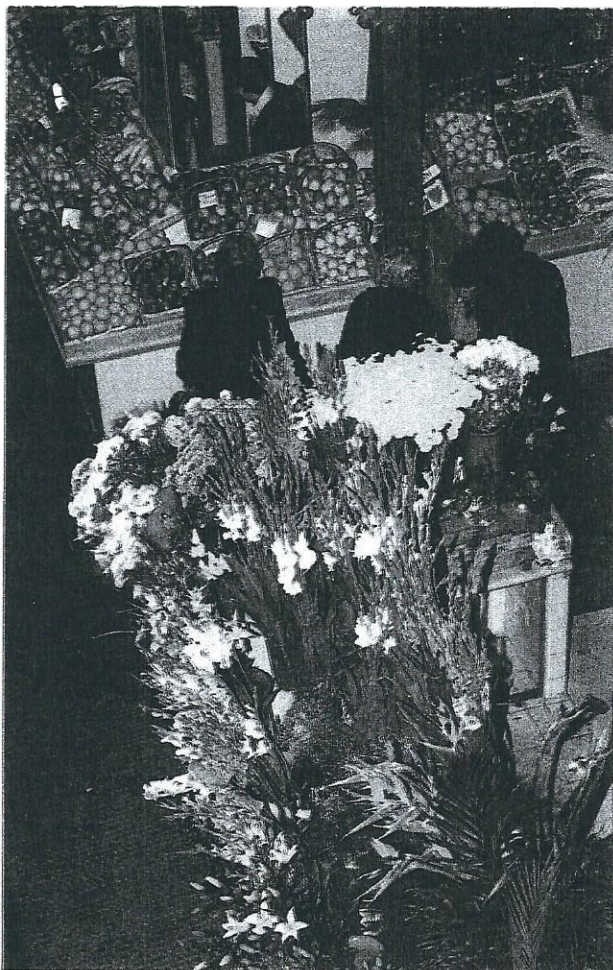
São ainda instaladas, no âmbito deste projecto, três câmaras frigoríficas, uma para carne, outra para peixe e outra para hortofrutícolas. Na cave arrumam-se os depósitos e as máquinas.

Os materiais de construção utilizados nesta vasta obra variam consoante se trata de demolir, ampliar ou remodelar. No sector do peixe, após a demolição recorre-se ao betão, à telha marselhesa, alvenarias em tijolo, cantarias em pavimentos e bancas; vidros em caixilharias, montras e lanternins, estes últimos armados e martelados; pavimento tipo revisol; rodapés em pedra. Utiliza-se pedra em chapa, azulejo e massa de areia fina para revestir as paredes e os tectos. Para a pintura, escolhe-se tinta de água. O edifício é dotado de uma rede de esgotos. Para a instalação da rede de frio, desenham-se bancas adaptáveis.

Quanto ao edifício, o projecto: repara o telhado e substitui os vidros caídos por toscos lanternins; substitui os aljerozes; reboca as paredes exteriores; uniformiza os acabamentos das paredes e dos tectos; repavimenta toda a nave principal com material tipo revisol; repara as caixilharias de ferro das diversas montras; repara a rede de abastecimento de águas existente e constrói uma nova rede de distribuição de água que inclui a de limpeza com as respectivas bocas de rega; pinta as paredes exteriores e interiores, bem como os pilares e asnas.

Todo este processo de remodelação do mercado decorre em três fases distintas: 1ª - sector de peixe e lugares do 4º grupo (criação) na ala sul; 2ª - sector hortícola e lojas dos 1º e 2º grupos, na nave principal, a nascente; 3ª - sector frutícola e lojas do 3º grupo, na nave principal, a poente.

Após o demorado período de obras que decorre durante toda a década de oitenta, o Mercado de Campo de Ourique, totalmente remodelado e adaptado às novas exigências de distribuição alimentar e ao crescimento demográfico do bairro é, finalmente, "inaugurado" a 11 de Novembro de 1991. É considerado actualmente um dos melhores mercados retalhistas da cidade de Lisboa, a julgar pela afluência do público e consequente sucesso comercial.

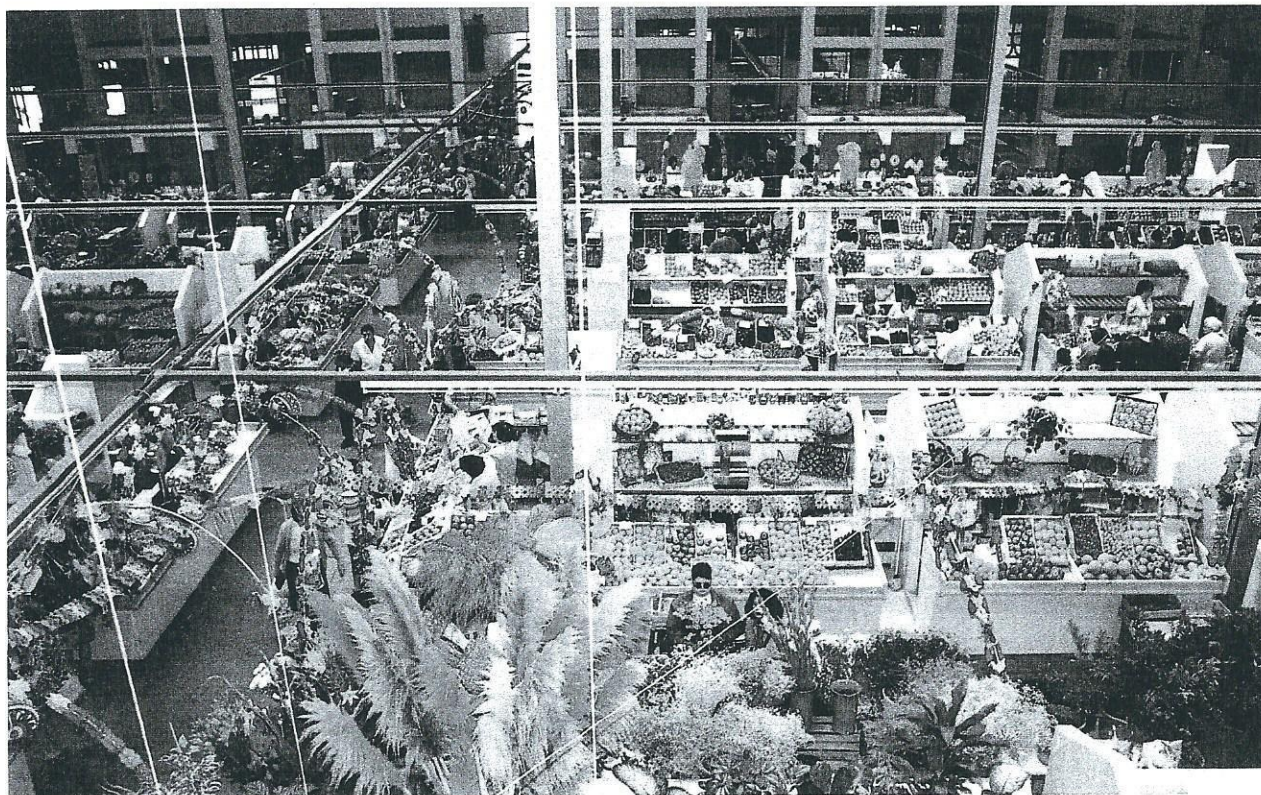


Importa referir ainda, que a manutenção das condições de habitabilidade e salubridade são permanentemente fruto de novas reparações. Fizeram-se já aberturas no sector do peixe para escoamento das águas. Procedeu-se à instalação de duas máquinas de fabrico de gelo. Efectuaram-se obras de conservação na peixaria; debaixo das bancas substituíram-se as grades de madeira por grades em alvenaria forradas a azulejo; substituíram-se por cimento os estrados de madeira, para nivelamento do piso interior dos lugares. Tenta-se também sensibilizar os comerciantes para procederem à introdução de tabuleiros de inox nas bancas do peixe, para melhor apresentação e conservação do produto.

Paralelamente ao projecto e para além de pequenas obras de beneficiação, prevê-se a instalação, ao nível do

interior, de luzes de presença. Recentemente o mercado foi beneficiado com lay out e anúncio em néon. Futuramente, serão também colocadas portas de vidro de acesso ao mercado: uma automática e três manuais.

Finalizamos este trabalho, referindo que no Mercado de Campo de Ourique, à semelhança de outros mercados municipais, se realizam periodicamente acções de animação pelo Natal, Páscoa, Carnaval e S. Martinho. Salientamos ainda as acções de formação profissional, promovidas pela Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo, no sentido de melhorar o desempenho da actividade destes comerciantes e contribuir para a prestação de um serviço de qualidade aos consumidores.



BIBLIOGRAFIA

Actas das Sessões da C.M.L., 23.9.1926, PGS. 611; 6.1.1927, PGS. 15 e 16; - 24.2.1927, 18 a 23; - 28.6.1928, PGS. 19 a 21; - 11.8.32, PGS. 39; - 6.4.1933; - 12.4.1934, PGS. 18 a 20; - 7.6.1934, PGS. 31

Novos Guias de Portugal, José Victor Adragão, Natália Pinto, Rui Rasquilho. Lisboa, 2ª ed

Inventário de Lisboa, Norberto de Araújo, 1951-1956, VOL. II

Peregrinações em Lisboa, Norberto de Araújo, Vol. III, Livro XI, Cap.VII

Cópia das condições da Escritura para a construção e exploração do Mercado de Campo de Ourique. C.M.L.

Diário de Notícias, Anos 69º e 70º, N.ºs: 24.101 (9.3.1933), 24.454 (4.3.1934), 24.457 (7.3.1934), 24.492 (11.4.1934), 24.494 (13.4.1934), 24.496 (15.4.1934)

Escritura da concessão do Mercado a José Dionísio Nobre, lavrada a Fls. 134 Vº do Livro 4 de Notas, 15.8.1928

Santo Condestável, Mª da Conceição dos Santos Ferreira, s.l., s.n., s.d.

Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 1987, pgs. 24 e 169

História da Arte em Portugal, "Do Romantismo ao fim do Século", Manuel Rio-Carvalho, Publicações Alfa, Vol XI, Lisboa, 1986, pgs.153 e segs.

História da Arte em Portugal, "Arquitectura Moderna", Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, Publicações Alfa, Vol XIV, Lisboa, 1986, pgs. 169

Lisboa de Frederico Ressano Garcia, C.M.L./Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989

Lisboa Ocidental: apontamentos para a monografia do 4º Bairro, Alberto Meyrelles, Lisboa, 1933

Memória Descritiva do Mercado de Campo de Ourique, C.M.L./D.M.A.C.

Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa; Lisboa, 1988, 3º Tomo

Olisipo, Boletim do Grupo dos Amigos de Lisboa, Ano 17º, (Janeiro de 1954) e 41º (Nº 141)

O Século, Ano 54º, N.ºs: 18.706 (12.4.1934), 18.707 (13.4.1934), 18.709 (15.4.1934)

Projecto de Demolição, Ampliação e Remodelação do Mercado de Campo de Ourique - Memória Descritiva, 18 de Janeiro de 1981

Processo Nº 1029/26, "Via Pública"
Processo Nº 638/26, "Via Pública"

Tradição, Transição e Mudança - A Produção do Espaço Urbano na Lisboa Oitocentista, Mª João Madeira Rodrigues, Lisboa, s.n., 1979

Lisboa na 2ª metade do Século XVIII (Plantas e Descrições das suas Freguesias), Francisco Santana, s.l: s.n., s.d.

Depois do Terramoto, Gustavo Matos Sequeira, s.l: s.n., s.d. Vol.II

O Terramoto de 1755 na Freguesia de Santa Isabel, Gustavo Matos Sequeiras.l: s.n., s.d.

As Freguesias de Lisboa, Augusto Vieira da Silva, Estudo Histórico. C.M.L., 1943

Santo Condestável: História de Uma Freguesia de Lisboa, Joaquim Filgueiras Soares, Ed. da Junta de Freguesia de Santo Condestável, 1991

NOTAS

- (1) **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**, José Augusto França, Lisboa, Biblioteca Breve, 1989; Cap. V, pp.55 e 56.
- (2) **As Freguesias de Lisboa (Estudo Histórico)**, A. Vieira da Silva. Lisboa; CML, 1943, pp.73.
- (3) Vide Nota 2; op. cit, pp.68
- (4) Idem Ibidem; pp.61
- (5) **Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa**, Lisboa, ed. da Junta Distrital de Lisboa, 1988, 3º Tomo, pp. 81 e segs.
- (6) **Santo Condestável - História de uma Freguesia de Lisboa**, Joaquim Filgueiras Soares, Lisboa; Ed. da Junta de Freguesia de Sto. Condestável, 1991, pp.8
- (7) **Sto. Condestável**, Mª da Conceição dos Santos Ferreira, s.l.,s.n., s.d., pp.1
- (8) **Tradição, transição e mudança -A produção do espaço urbano na Lisboa Oitocentista**, Mª João Madeira Rodrigues, Lisboa; pp.71e72
- (9) In **Arquivo Pessoal de Luís de Pastor de Macedo**, Lisboa, CML/ Gabinete de Estudos Olisiponenses
- (10) **Inventário de Lisboa**, Norberto de Araújo, Lisboa; 1951-56; Vol.II, pp. 64
- (11) Vide Nota 10; op. cit.
- (12) **Programa Corvus Base**, CML/GEO e Enciclopédia Portuguesa e Brasileira; Volumes diversos
- (13) **Lisboa Ocidental: Apontamentos para a Monografia do 4º Bairro**, Alberto Meyrelles, Lisboa; 1933; pp. 152
- (14) **Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa**, Lisboa; Associação Portuguesa dos Arquitectos, 1987; p.169
- (15) In **"O Século"**, Ano 54 º, Nº 18 709; 15.4.1934; pp. 4, 2ª Col.
- (16) **História da Arte em Portugal "A Arquitectura Moderna"**, Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes. Lisboa; Publicações Alfa, 1986; Vol. 14; pp 169

AGRADECIMENTOS

Gabinete de Estudos Olisiponenses
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa
Luís Filipe Amaral
José Luis Neto

